

A superação da vingança

Agradecimentos.

Vamos, primeiro, explicar dois pontos antes de entrar no livro. O primeiro é sobre a origem do livro. Como alguns de vocês sabem, em 2008, em Grotte, na Itália, um grupo de amigos conversou com Silo sobre um estudo que eles estavam realizando sobre a vingança. Naquela conversa, Silo disse que o tema não tinha sido suficientemente estudado e que era necessário aprofundar nos mecanismos psicológicos e sociais da vingança, porque a vingança era um dos pilares da cultura ocidental. Depois dessa conversa, surgiram diversos estudos, mas no verão de 2015 me pareceu que alguns temas ainda não tinham sido tratados. Então, decidi contribuir com alguns pontos de vista.

É necessário esclarecer outro ponto. Quanto à reconciliação, depois de um amplo estudo, podemos dizer que, no Ocidente, ninguém fala de reconciliação. A reconciliação não é um tema presente em nossa cultura, não está presente na filosofia, nem na psicologia, nem na arte, nem na política, nem na mística, nem nas religiões. Isso é muito esclarecedor e mostra como está esse tema no Ocidente. Silo é o único que fala clara e abertamente da necessidade de reconciliação e, além disso, explica como ela se realiza. Ele já fala disso em diferentes momentos desde o final dos anos 60 e, mais claramente, como vocês sabem, naquela maravilhosa exposição pública em Punta de Vacas em 2007.

Entrando no livro, veremos que ele trata das questões centrais que, na minha opinião, têm a ver com a vingança, mas não com a máxima profundidade, nem extensão. Se fizéssemos um estudo com toda a profundidade e extensão, seria um livro enorme, quase uma enciclopédia. O livro trata dos temas centrais que, do meu ponto de vista, são três: primeiro, **o contexto histórico e social** no qual a vingança nasce, se enraíza e se desenvolve; segundo, **o mecanismo psicológico** descrito e reconhecido como um fenômeno de nossa consciência; e terceiro, o caminho para **superar e desenraizar** essa tendência a partir de uma mudança de horizonte psicológico, ou melhor dito, espiritual, que ocorrerá no âmbito pessoal, mas também social.

Mas, antes de entrar nesses três pontos, o livro expõe algumas premissas que parecem ser necessárias para entender de onde parte este estudo. Isto é mais importante do que geralmente se considera, já que não é a mesma coisa focar questões partindo de uma posição ou experiência transcendente da vida e partir de um posicionamento racionalista, por exemplo. Também é fundamental mostrar qual é o conceito de ser humano em que nos apoiamos. Esses dois princípios intimamente interligados condicionam o desenvolvimento posterior deste tema, como de qualquer outro que trate de aspectos da vida humana.

Esclarecido isso, este estudo se desenvolve dentro de uma visão transcendente da vida humana e, conseqüentemente, parte do fato de que a vida não termina com a morte. Portanto, o conceito de ser humano, coerente com isso, não é o de um ser já acabado, como por exemplo: "o ser humano é um animal racional" ou outras definições nesse sentido, mas parte de um conceito em que, para nós, o ser humano tem o maior valor: o ser humano é um ser sagrado. E, além disso, um ser em desenvolvimento, não apenas no campo das transformações sociais ou avanços materiais, mas também em desenvolvimento de si mesmo, porque ele é capaz de mudar seu corpo, se transformando física e mentalmente.

Esse transformar-se mentalmente tem uma grande transcendência, porque não estou falando de uma mudança dos objetos mentais, mas de uma mudança de atmosfera mental e nível mental que se abre como a próxima possibilidade libertadora.

Feitos esses esclarecimentos, entremos no primeiro ponto: **o contexto** em que vivemos e que alimenta a vingança. Esse contexto tem uma história, vem de algum momento passado. Sendo sintéticos, poderíamos dizer que até cerca de 10.000 anos atrás vivíamos em tribos nômades nas quais não havia especialização de funções, nem hierarquias, nem privilégios. No Paleolítico Superior, vivemos um período mais ou menos pacífico porque tínhamos recursos naturais, com coleta e caça, fabricávamos nossas ferramentas e, algumas dezenas de milhares de anos antes, tínhamos aprendido a produzir fogo – um fato fundamental que trouxe independência e tranquilidade aos grupos humanos.

Mas, há 10.000 anos, a vida humana começou a sofrer uma transformação muito importante na região conhecida como Crescente Fértil. Aprendemos a pastorear animais, nasceu a agricultura, assim como a cerâmica e as primeiras cidades. Tudo isso permitia armazenar alimentos, tanto em grãos quanto em rebanhos de animais. Então, surgiram pastores, agricultores, trabalhadores manuais, guerreiros, etc. E, assim, apareceram as especializações e funções sociais e, fato fundamental, as hierarquias. O ser humano iniciou a exploração do ser humano. Como sabemos disso? Porque nos enterros do período nômade anterior não havia diferenças de classe, todos eram enterrados da mesma forma. No entanto, nos enterros dos primeiros assentamentos e protocidades encontramos túmulos muito humildes e outros luxuosos. Isso mostra muita coisa.

E logo após os assentamentos estáveis aparecerem, surgem as muralhas. Isso nos ensina que havia guerras e conflitos porque alguns tinham armazéns de alimentos e currais de gado, que eram desejados por outros. Assim, nessa região foram lançadas as bases culturais e sociais que mais tarde se transformaram nas duas primeiras grandes civilizações que são os fundamentos do Ocidente: Mesopotâmia e Egito. No planeta existem outros dois grandes focos de civilização, um é a Índia e o outro a China, que apareceram no mesmo período, mas com crenças e sensibilidades diferentes. Na Índia, acredita-se que a vida é mais uma etapa em uma longa cadeia de vidas, ou seja, acredita-se na reencarnação. Na China, o animismo e o xamanismo constituem uma espiritualidade sem deuses antropomórficos.

Em qualquer cultura, a forma como as crenças e os deuses são configurados é fundamental para o desenvolvimento da cultura e da direção mental e, no Ocidente, é importante ressaltar, o êxito de nossas vidas depende dos deuses. Na nossa cultura, nessa época, o valor máximo que se instala é o sucesso e a vitória sobre os outros, graças ao apoio dos deuses que estão do nosso lado ou aos quais pedimos que estejam do nosso lado.

O domínio material e o guerreiro, ambos inseparáveis.

De maneira muito resumida, foi assim que se criou este contexto em que vivemos. Essa história mostra muitas coisas. Assim começa a ambição pela escalada social, ao se coisificar o ser humano em função desse objetivo; o valor é colocado no sucesso material e, portanto, na externalização do mais importante, nos afastando do contato íntimo com nosso eu interior e rompendo a irmandade entre os seres humanos. Isso cria uma atmosfera social e crenças que alimentam a competitividade, o afã de vitória sobre os outros, a honra, o orgulho, a valorização da autoimagem e a cultura de sucesso no nível pessoal, familiar ou nacional. Configura-se, assim, um olhar superficial e exteriorizado sobre nós mesmos, um nihilismo que coloca o desenvolvimento material como única esperança.

Talvez seja um pouco duro dizer isso, mas a linha histórica do Ocidente rumo ao desenvolvimento material e racionalista moldou uma cultura da vingança, da hipocrisia e da superficialidade. Tanto é assim que os mitos de todas as religiões ocidentais, como podemos comprovar, mostram a vingança como um mecanismo de resposta. Os deuses se vingam uns dos outros e se vingam do ser humano. Que os deuses se vinguem significa que a vingança é um valor e um triunfo.

Por outro lado, é verdade que no Ocidente surgiram contribuições históricas muito importantes, como a democracia, um tipo de medicina, a filosofia, um grande desenvolvimento científico e até uma mística de nível. Mas também aprendemos a ocultar nossas intenções, a falsear nossos sentimentos, a dizer uma coisa e fazer outra.

Com isso, fica exposto o contexto de maneira simplificada. Vamos agora entrar no segundo ponto, **o mecanismo da vingança**.

Em primeiro lugar, note-se que a vingança, desde aquele momento histórico de surgimento dos assentamentos até o momento atual, foi se civilizando. Sintetizamos esse processo em três momentos: no primeiro, a vingança era descontrolada e, quando um povo despertava sua vingança, arrasava os inimigos até não restarem sobreviventes. Depois veio o segundo momento, o de controlar a vingança. É a época de Hamurabi com seu conhecido Código que expressava que, na vingança, você não pode fazer qualquer barbaridade, e sim agir proporcionalmente: olho por olho, dente por dente, mão por mão, e assim por diante. Além disso, os mecanismos de vingança são retirados do indivíduo e passam para as mãos dos juízes e do Estado, que, com a legislação, limita a resposta a ser dada. E o terceiro momento é quando a intenção vingativa começa a ser domesticada, disfarçada de pedido de justiça. Não se exige mais vingança; se pede justiça, mas no fundo é a mesma coisa. Avançamos em sensibilidade porque nos parece que clamar por vingança é algo muito bruto. Explicar esse processo é importante porque muitos acreditam que a vingança foi superada pela justiça. Mas veremos que não foi assim.

Quanto ao mecanismo da vingança, podemos descrevê-lo desta forma: quando sinto ou imagino um dano à minha imagem, ou quando minhas propriedades são danificadas, quando meus entes queridos são prejudicados, quando meu futuro é bloqueado ou ameaçado, quando tudo isso acontece devido a uma intenção alheia, isso desperta em mim o desejo de vingança. A partir desse momento me afirmarei na gravidade da agressão e dos danos sofridos, na injustiça da situação e vou expor sem limites a intenção maldosa do culpado. Vou exigir uma compensação que só será satisfeita quando o culpado sofrer merecidamente em proporção ao sofrimento causado. Porque acreditamos que fazer sofrer aquele que nos fez sofrer compensa a situação. É um pouco chocante, mas acreditamos nisso.

Se fizermos um esforço para recordar uma situação em que desejamos mal a quem nos fez sofrer, compreenderemos. Vamos olhar honestamente para o que passava pela nossa cabeça. Nos sentíamos mal, sentíamos uma enorme injustiça e não podíamos conceber que isso pudesse ficar assim. Nessa situação, não há reflexão, e toda nossa energia estava colocada em expor a maldade daquele que nos prejudicou. Essa tensão interna deve ser descarregada sobre o culpado.

É claro que há graus – de situações mais sutis até situações mais grosseiras. Mas, em última análise, enquanto meu mal-estar (que vai se transformar em rancor e ressentimento) não for descarregado sobre os culpados, não vou descansar.

Nessa situação, nossa consciência, que é reflexo da cultura, arma justificativas como: "tenho direito à reparação do dano sofrido e que o culpado sofra"; "os que fazem mal aos outros não podem ficar impunes"; "todo meu esforço foi arruinado e não faz sentido que alguém arruíne todo meu trabalho", "aquele que fere os outros não merece se relacionar comigo nem ter êxito em seus relacionamentos", etc.

Mas, na realidade, essas não passam de justificativas. O que se busca, no fundo, é descarregar a tensão e o mal-estar sobre o culpado e, se as circunstâncias me impedirem, ficarei ressentido e procurarei um bode expiatório para descarregar as culpas e o mal-estar.

É por isso que dizemos que a vingança nada mais é do que uma catarse diante da não aceitação da situação, diante da não aceitação dos acidentes da vida. Um ocidental não consegue entender que a situação vivida possa ser uma prova para me melhorar ou um acidente da vida. Não se pensa assim no Ocidente. No Ocidente tudo é pensado dentro dos parâmetros da injustiça e da culpa.

Em suma, o mecanismo da vingança tem quatro momentos:

1) Uma determinada intenção, reconhecida ou não, que está bloqueada ou em perigo. Quando bloqueada, isso se sente como uma agressão, seja esta real ou imaginada. Esse bloqueio pode ser uma agressão, um roubo, um ataque à minha imagem ou aos meus valores sagrados, ou um impedimento ao desenvolvimento do que considero serem minhas legítimas intenções.

2) Se expõe a maldade do agressor ou do responsável, sua má-fé, a violação maliciosa dos acordos e das regras de convivência que se comprometeu a seguir. Este ponto é reafirmado e exagerado com fúria.

3) A bondade própria é exaltada, afirmando o cumprimento dos compromissos, mostrando o próprio esforço e os benefícios para a comunidade, graças a um comportamento correto.

4) Com os passos anteriores, se apresenta uma desigualdade tão grande que não pode ser tolerada. Uma injustiça foi cometida com um grave dano, todo o esforço de anos se perde de forma injustificada, pessoas boas foram gravemente prejudicadas, nossos valores são colocados em perigo, etc., etc. Se sente que é imprescindível uma compensação e punição exemplares para que a situação e o mal-estar gerado sejam compensados: então, se clama por vingança.

Este é, em síntese, o mecanismo da vingança. Mas, talvez pensemos em acontecimentos graves, em violência e massacres. Nessas situações se vê mais claramente, mas, se revisarmos nosso comportamento, podemos descobrir que o tema está presente em nossa vida diária. Porque o tema também é importante em pequenas situações.

Se olharmos com atenção, muitos de nossos problemas de relação têm a ver com isso. Nossas reações diante dos comportamentos de outros que não aceitamos tendem para a ruptura e a vingança, em vez de tender para a reconciliação, a tolerância e a bondade. Esse tema está na base do distanciamento das relações, que avança até a ruptura. Isso ocorre também aqui entre nós, em nosso entorno ou meio imediato. Ocorre entre nós e os vizinhos,

colegas de trabalho, amigos, parentes, em uma infinidade de rupturas ou distanciamentos de relação, chegando a situações bem tristes, como quando duas pessoas que se relacionam com afeto sincero e alegria, se chateiam, os afetos se rompem, e se tornam inimigos para o resto da vida. Conhecemos isso muito bem por nós mesmos e ao nosso redor, em situações às vezes sutis e outras vezes mais fortes. O motor dessas situações é a vingança.

Mas, então, o que acontece conosco? Por que isso acontece conosco? Aqui está uma das chaves que nos ajudará a entender. Isso nos acontece porque a questão de fundo é que a cultura ocidental não tem mecanismos para superar a vingança. Se estudarmos diferentes reações nas culturas do planeta diante dos conflitos, veremos que em outras culturas existem outras reações. Por exemplo, onde surgiram líderes sociais da não-violência como Gandhi e Luther King?¹ Não foi no Ocidente. Onde houve processos de reconciliação depois de conflitos violentos? Não foi no Ocidente, embora tenha havido muitas oportunidades para levar adiante processos de verdade e reconciliação, como as grandes guerras mundiais, a guerra dos Balcãs, a guerra civil espanhola, o problema da Irlanda com o IRA, o País Basco com o ETA, etc. Mas um ocidental não vai reconhecer que tem de aprender a se reconciliar e que isso pode ser ensinado por um africano, por exemplo. É necessário esclarecer e não confundir processos de paz em que se busca o fim das hostilidades com processos de reconciliação. São dois níveis diferentes.

Quero dizer, no Ocidente não sabemos como nos reconciliar. Estamos presos ao mecanismo da vingança, da exigência de reparação, da exigência de justiça. Não sabemos como sair daí. Este é um dos problemas fundamentais. E, neste ponto, deve ficar claro que nem as religiões nem as grandes revoluções sociais, como as revoluções francesa ou soviética, contribuíram em algo que ajude a superar esta questão.

E o que se consegue com a vingança? Nada mais do que descarregar o mal-estar. Na realidade, a vingança não funciona porque não te ajuda a se sentir melhor. É verdade que se produz a descarga de tensões e se sente alívio. Mas, no fundo, o que se sente é um crescimento do niilismo, do sem-sentido, de um vazio. Certamente, minha imagem foi restaurada, meu orgulho ou minha honra foram limpos. Mas, por trás disso, está o vazio e a **reafirmação da superioridade**. Assim, a vingança leva ao fracasso porque o bem-estar ou a alegria não se restabelecem. Mas também acontece que os valores e o modo de entender a vida no Ocidente levam ao fracasso.

Parece-me necessário, neste momento histórico, fazer um esforço para reconhecer que a linha histórica das crenças e valores ocidentais que temos dentro de nós fracassou. Todo esse esforço de milênios para o desenvolvimento de uma cultura material e técnica, a instalação de instituições como o Estado, os mecanismos de justiça, o controle dos comportamentos, o controle de ideias e sentimentos; todo esse esforço para construir esse mundo aparentemente tão ordenado não serviu para o fim principal, que é o bem-estar interno e a felicidade. Ninguém pode afirmar com seriedade que as pessoas no Ocidente são mais felizes, têm mais paz interior do que as de qualquer outra cultura. O que se pode afirmar é que neste preciso momento histórico elas tiveram êxito material e dominam econômica e militarmente o planeta. Mas nada mais do que isso. Ser bem-sucedido não é ser mais feliz ou ter bem-estar interno.

¹ É necessário esclarecer que, embora Luther King tenha nascido em um país ocidental, ele vem da cultura africana, e é por isso que ele avança para a não-violência e a reconciliação.

A paz interior, a felicidade vem por outro lado, não pelo êxito material, nem pela prevalência sobre os outros. Este é o fracasso dos valores e crenças ocidentais. Basta viajar um pouco, ou estudar um pouco, para ver que na Índia, na China ou no Congo não são mais infelizes do que nós. Em matéria de felicidade ou sofrimento, o homem ocidental fez muito pouco progresso nos últimos 10.000 anos.

Ninguém deve confundir o progresso material com este tema. É claro que o avanço material ajuda principalmente a superar a dor, mas o sofrimento é outra questão.

E, se formos capazes de olhar com desapego para o tema da vingança, veremos que não funciona, não serve para resolver os problemas. A vingança aumenta o sofrimento, não o supera. A vingança é um desastre para todos, inclusive para aquele que fica acorrentado em sua busca por justiça ou vingança. É um desastre também para ele, mesmo que se tenha feito justiça ou se tenha feito vingança, porque a alegria de viver não voltará para ele, mesmo que a vingança se cumpra.

Bem, parece que agora compreendemos um pouco mais o que temos, esta forma pesada de lidar com a vida a que estamos presos no Ocidente. Agora, entramos no terceiro ponto. Como se sai daqui? Como é que se desfaz esse nó? Há dois níveis aqui. O primeiro é como eu evito a vingança e o segundo é como eu saio dessa forma de ver o mundo que alimenta a vingança. As saídas de ambos estão muito relacionadas porque vão na mesma direção.

Em relação à primeira, a vingança só se evita através da reconciliação. E temos que aprender isso, porque devemos dizer mais uma vez, no Ocidente não sabemos nos reconciliar, não temos experiências sociais ou pessoais de reconciliação em nossa cultura; não há contos, mitos, relatos, histórias de reconciliação. Mas de heróis vingadores e justiceiros, sim, há um montão de filmes, histórias infantis, mitos sociais, etc.

Reconciliar parece que é ceder coisas ao outro, parece-nos uma fraqueza, parece-nos um abandono de nossas legítimas reivindicações. Mas, temos que aceitar, não há outra saída.

A dificuldade está em colocar em dúvida o que aconteceu. Aquele que busca vingança ou ficou ressentido com o que aconteceu não permitirá que se defenda uma versão diferente do que aconteceu. Ele vai se agarrar com todo empenho à sua versão. Mas a reconciliação discute isso, relativiza isso, mostra o que aconteceu de diferentes pontos de vista. Este é um ponto difícil. Normalmente, é preciso um grande esforço para aceitar outras versões do que aconteceu. Se olharmos para alguém no momento de exigir vingança ou justiça, veremos que o relato dos fatos é indiscutível para ele, como é indiscutível também a intenção perversa ou malvada do culpado. Discutir isso enfraquece sua vingança ou seu desejo de justiça. Porque, se se discute a intenção do culpado, talvez o desejo de justiça perca força, perca sentido. Se acontece que o culpado é um ser humano com suas alegrias e tristezas, suas frustrações e sofrimentos, seus bons e maus momentos, minha vingança é desativada porque estou humanizando o culpado e, se eu coloco esse olhar humanizador, minha vingança fica desarmada. Por isso, nos resistimos a tirar a má intenção do culpado. Assim falou Silo em Punta de Vacas em 2007:

“Quando chegamos a compreender que em nosso interior não habita um inimigo, mas um ser cheio de esperanças e fracassos, um ser no qual vemos, em uma breve sucessão de imagens, belos momentos de plenitude e momentos de frustração e ressentimento. Quando compreendemos que nosso inimigo é um ser

que também viveu com esperanças e fracassos, um ser no qual houve belos momentos de plenitude e momentos de frustração e ressentimento, estaremos colocando um olhar humanizador sobre a pele da monstruosidade.”

É esta mudança de enfoque que leva à reconciliação que, como Silo diz também, não surge espontaneamente, mas requer grande compreensão.

Com isso, vimos como posso evitar a vingança, mas resta a segunda parte, que é como saio dessa forma de ver o mundo, dessa atmosfera mental contaminada.

Anteriormente, demos um passo para desbloquear essa situação que é o reconhecimento do fracasso dos valores do Ocidente, da linha histórica do Ocidente que não conseguiu nos fazer mais felizes. Não somos mais felizes agora do que há 2.000 anos, nem mais felizes do que os sul-africanos, os hindus ou os japoneses, por exemplo. Esse reconhecimento de que nossa forma de entender o mundo não nos faz felizes e esse fracasso de nossas ilusões nos permite um olhar diferente. Trata-se de um passo essencial, mas não suficiente. Agora devemos dar outro que nos faça ver a necessidade de uma vida com valores mais humanos e espirituais. Para compreender isso, vou dar um exemplo que me parece muito claro.

Poderíamos comparar as crenças e os valores das pessoas vingativas com aqueles que, em situações semelhantes, evitaram a vingança. Por que, nas mesmas situações, alguns se vingaram e outros não?

Observamos que aqueles que têm valores e crenças materialistas, superficiais e egoístas, que são muito competitivos ou ambiciosos, são mais vingativos. Aqueles que têm valores humanos, maior bondade ou um sentimento espiritual da vida não se deixam arrastar pelo desejo de vingança ou resistem à execução da vingança. Estes não são valores absolutos, mas tendências muito claras. Este é um indicador muito claro da raiz da questão. Isto me parece ser o nó da questão.

Assim podemos dizer que a busca de valores mais humanos e espirituais, o aprofundamento no sentido da vida e no sentido do que vai além da vida, o desejo de encontrar o sagrado e o transcendente em nosso interior nos transforma, construindo uma nova paisagem mental onde a vingança terá cada vez menos lugar até desaparecer, porque não estarão presentes os valores e crenças que alimentam a vingança, mas outros que alimentam uma vida simples na qual a bondade, o espírito e o sentido da vida crescem.

E podemos afirmar, também, que essa mudança de atmosfera já está acontecendo no mundo de hoje e que, embora de maneira tímida e desigual, parece estar avançando para o despertar de uma nova espiritualidade, de um novo valor do ser humano e de nossa vida.

Nada mais. Muito obrigado.

Juan Espinosa
Março de 2019